

Etnografia do Pensamento: A Etnoestética na Antropologia Brasileira¹. LOCCHI, Marina Moura – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – FFC– UNESP – Marília

Resumo: A etnografia do pensamento etnológico brasileiro é discutida nesse trabalho, a partir de uma breve exposição das pesquisas realizadas sobre a temática da etnoestética, desenvolvidas no período pós-setenta. A análise será realizada a partir do pensamento de Clifford Geertz, considerando-as como artefatos culturais, ou seja, procurarei compreender como os conceitos foram apropriados, apreendidos e transformados naquele contexto intelectual específico. Para isso me concentrarei nas pesquisas produzidas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, desenvolvidas pela antropóloga Lux Boelitz Vidal e seus orientandos.

Palavras Chave: Etnografia do Pensamento, Etnoestética, Lux Vidal

O presente trabalho tem como objetivo principal a discussão sobre a construção de uma etnografia do pensamento etnológico brasileiro, especialmente aquele que trata da etnoestética, desenvolvido no período pós-setenta. Buscando compreender, portanto, como o tema foi sendo construído intelectualmente no contexto do pensamento etnológico brasileiro no decorrer desses anos. Essa discussão se realizará a partir de uma breve análise do produto dos trabalhos sobre o tema referido.

Tenho como foco de análise as pesquisas produzidas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP), na temática da etnoestética, porque é nesta instituição, salvo algumas outras exceções², que se concentra essa produção, além, de sua importância na construção da etnologia como linha de pesquisa.

Desse modo, primeiramente apresentarei um panorama do desenvolvimento da etnoestética na Antropologia brasileira, farei um breve levantamento bibliográfico das pesquisas realizadas sobre a temática em foco e por fim assinalarei a relevância sobre o estudo da temática para a construção de uma história da etnologia brasileira.

Como ponto de partida me concentro nos trabalhos metodológicos desenvolvidos por Lux Vidal³, considerada uma das antropólogas mais relevantes para o tema, pois a partir de suas orientações constrói-se uma linhagem antropológica reconhecida pelos seus pares em todo o país.

Portanto, considero o conceito de linhagens antropológicas que se desenvolve a partir da transmissão da tradição antropológica sobre a tensão entre o presente teórico e a história da disciplina, pois a teoria antropológica é “teoria-e-história” da antropologia (Peirano, 1992). Assim, cada pesquisador estabelece sua própria linhagem como inspiração, de acordo com

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² UFSC, UNICAMP, MPEG e UFRJ.

³ Recebeu em 2006 a mais alta homenagem feita pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a medalha Roquete Pinto, pelo conjunto de sua obra, na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia.

preferências que não são somente teóricas, mas também existenciais, políticas, algumas vezes estéticas e até mesmo de personalidade.

Peirano (2004) afirma que a orientação em antropologia faz parte integrante da vida na universidade, e, além disso, engloba um processo complexo de construção de carreiras que garante a reprodução, a continuidade e a expansão da disciplina a partir de orientações teóricas, estilos acadêmicos e perspectivas pessoais. Para a autora, somos elos de uma sequência de gerações, e é por meio da orientação que dois pesquisadores vivem uma relação estreita de cumplicidade teórica. Para a autora, essa experiência contribui, não somente para o aspecto formal da orientação, mas também para um experimento antropológico que poderá vir a ser uma contribuição – teórica, prática, metodológica e até mesmo epistemológica – para a disciplina.

A autora reforça a idéia que na antropologia não existe teoria separada da história da disciplina, sendo que combinadas formam uma história teórica, interna a prática desse campo do conhecimento e que singulariza o seu olhar e fazer nas ciências sociais. Nesse sentido, afirma também, que na antropologia, as linhagens teórico-disciplinares são mais relevantes que as supostas “escolas”, sendo necessário distinguir dois tipos de reconstrução do passado: a história teórica – que lê os clássicos a partir de uma perspectiva interna, reconhecendo e construindo vínculos temáticos e analíticos –, e a história da antropologia – que engloba o contexto daqueles que pensaram questões antropológicas.

Partindo deste pressuposto, as monografias/dissertações/teses são o capital⁴ mais significativo da disciplina, por indicar a relação entre teoria e pesquisa de campo. Ou seja, os fundamentos teóricos da Antropologia não são estáticos, modelos teóricos que supostamente devem se ajustar em diferentes realidades. O pensamento antropológico se constrói com um diálogo produzido entre as diferentes tradições mantidas. O orientador, neste sentido, é o intermediário entre a etnografia/teoria acumulada e o pesquisador, com sua vivência no cotidiano da pesquisa.

Panorama do desenvolvimento da etnoestética na Antropologia brasileira.

A descrição de artefatos foi uma das características dos trabalhos dos etnólogos no Brasil no início do século XX (Melatti, 1984), devido à preocupação de se construírem mapas de distribuição geográfica que lhes permitissem reconstituir as trajetórias da difusão cultural das populações que habitavam as terras baixas da América do Sul. O autor afirma

⁴ A autoridade científica é, pois, uma espécie particular de capital que pode ser acumulado, transmitido e até mesmo, em certas condições, reconvertido em outras espécies (...) a carreira científica “bem-sucedida” torna-se um processo contínuo de acumulação, na qual o capital inicial representado pelo título escolar, tem papel determinante. (BOURDIEU, 1986 [1976], p. 130-131)

que, embora a atenção ao tema não tenha desaparecido completamente, deixou de ser um dos focos principais entre as décadas de trinta e sessenta.

Nesse período, as artes dos povos indígenas eram consideradas como pertencentes a uma ordem estática, mantendo-se, dessa forma, em segundo plano de interesse. Isso ocorreu, segundo Vidal (1992), porque a arte era considerada como esfera residual ou independente do contexto no qual aparece, ignorando-se, dessa forma, que o estudo da arte relaciona-se com o social, com o religioso e com o cognitivo.

A partir das décadas de 1960 e 1970 que a arte indígena, passou a ser considerada também como manifestações simbólicas e estéticas na compreensão da vida em sociedade, contribuindo como um meio privilegiado na compreensão simbólica. Com isso, modificaram-se as bases teóricas e metodológicas de análise como afirma Lux Vidal:

Apenas recentemente a pintura, a arte gráfica e os ornamentos do corpo passaram a ser considerados como material visual que exprime a concepção tribal de pessoa humana, a categorização social e material e outras mensagens referentes à ordem cósmica. (VIDAL, 1992, p.13).

A mudança na compreensão da arte indígena privilegia a análise num contexto em que a obra de arte faz parte da história e das experiências de uma sociedade, da sua especificidade, autonomia e valor estético. Sendo assim, a arte não pode ser separada das outras manifestações materiais e intelectuais, por tratar-se também de um meio de comunicação (Vidal, 1992).

A antropologia, segundo Vidal e Lopes da Silva (1992) ao analisar manifestações estéticas, busca parâmetros que definem uma obra de arte, esses normalmente atrelados a conceitos presentes no mundo ocidental. Porém, quando se analisam culturas não-ocidentais, nas quais não existem esses parâmetros, a visão antropológica afirma que o processo estético não é inerente ao objeto, partindo então, de uma matriz da ação humana, não excluindo a problemática de determinar o que exatamente constitui a natureza de uma experiência estética.

Nesse sentido, as artes nas sociedades indígenas estão em todas as esferas da vida social e cultural, podendo, dessa forma, o artista se comunicar com sua comunidade, que por sua vez, entende o que está sendo expresso, pois as artes são manifestações públicas (Vidal e Lopes da Silva, 1992).

Isso posto, passa-se a delinear as contribuições da antropologia clássica, pois a antropologia brasileira, mostra-se uma disciplina que se faz no país, em diálogo permanente com as demais da comunidade científica internacional.

Dessa forma, a análise das manifestações artísticas e estéticas aparece de uma forma específica nos trabalhos dos antropólogos, considerados clássicos, sendo que o simbolismo da arte está quase sempre atrelado à sociedade estudada. Revela-se esse fato nos trabalhos de

Franz Boas⁵, Marcel Mauss⁶, Claude Lévi-Strauss⁷, Victor Turner⁸ e Clifford Geertz⁹. Assim, mesmo pertencendo a correntes antropológicas diversas, para esses autores a função da arte não está apenas no fato de representar, mas sim de significar, ou seja, a arte envolve todo um sistema de signos compartilhados pelo grupo e que possibilita a comunicação (Vidal, 1992).

Cabe dizer, em resumo, que - centrando seu foco de atenção em instâncias concretas e contextualizadas de entrecruzamento do universal e do particular e trabalhando com as noções de localidade, de estruturas representacionais, de significado, sociedade e cultura - a antropologia aborda as manifestações artísticas preocupada em compreender a natureza mesma da experiência estética e a capacidade de comunicação da obra de arte, que nasce do encontro de estilos e concepções coletiva e culturalmente construídos e aceitos, mas trabalhadas e reelaboradas de modo único por artistas que, individualmente, nela colocam sua técnica e sua habilidade criadora. (VIDAL e LOPES da SILVA, 1992, p.283).

Breve levantamento bibliográfico das pesquisas realizadas sobre a etnoestética.

As pesquisas desenvolvidas no campo da etnoestética, no Brasil, entre as décadas de setenta e oitenta são enumeradas nos artigos bibliográficos de Melatti de 1982 e 1984. Referentes a apenas um tipo de artesanato ou tecnologia, o autor aponta os trabalhos sobre a relação entre os batoques auriculares e labiais com a cosmologia Suyá que é apresentado no segundo capítulo do livro de Anthony Seeger, *Os Índios e Nós* de 1980¹⁰.

Berta Ribeiro pesquisou sobre cestaria dos índios do Xingu, em particular, e do Brasil em geral entre 1979 e 1980¹¹. Em 1978, Sônia Ferraro Dorta estudou a arte plumária dos Borôro¹². Sobre pintura corporal, Regina Pólo Muller trabalhou entre os Xavante¹³ e Lux Vidal entre os Xikrin¹⁴. Quanto à cerâmica cita-se os trabalhos de Maria Heloisa Fénelon Costa entre os Karajá¹⁵.

No período também se realizaram projetos extensos – etnografias completas, que envolviam diversos povos indígenas – como por exemplo, o realizado pela Fundação Pró-

⁵ Arte Primitiva, 1927.

⁶ Sociologia e Antropologia, 1950.

⁷ Tristes Trópicos, 1955

⁸ The forest of symbols aspects of Ndembu ritual, 1967

⁹ Saber Local, 1983.

¹⁰ SEEGER, Anthony. Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

¹¹ RIBEIRO, Berta. Diário do Xingu. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979; RIBEIRO, Berta. A Civilização da Palha: a arte do trançado dos índios do Brasil. Doutorado USP, 1980.

¹² FERRARO DORTA, Sonia. Pariko: etnografia de um artefato plumário. Mestrado USP, 1978.

¹³ MÜLLER, Regina Aparecida Polo. A pintura do corpo e os ornamentos Xavante: arte visual e comunicação social. Mestrado UNICAMP, 1976.

¹⁴ VIDAL, Lux. Morte e Vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrin do rio Cateté. São Paulo, HUCITEC e EDUSP, 1977.

¹⁵ COSTA, Maria Heloísa Fénelon. A arte e o artista na sociedade Karajá. Fundação Nacional do Índio, Departamento Geral de Planejamento Comunitário, Divisão de Estudos e pesquisas, Brasília, 1978.

Memória, que tinha como objeto o artesanato dos indígenas da região Centro-Oeste, desenvolvido por George Zarur com o auxílio de outros pesquisadores. O emprego social da tecnologia no Xingu e entre os Tukúna e os Karajá, era o objeto de outro grande projeto que entre seus pesquisadores contava com Maria Heloisa Fénelon e João Pacheco de Oliveira Filho.

A música indígena, nesse momento, também passou a despertar o interesse dos etnólogos. Em 1977, temos *Introdução à Música Indígena Brasileira* de Helza Caméo¹⁶, trabalho de gabinete, segundo Melatti (1984), que se baseou no material recolhido por vários pesquisadores e cronistas.

Em 1986 editado por Darcy Ribeiro em parceria com Berta Ribeiro o volume sobre Arte Índia¹⁷ reuniu vários textos que tratavam sobre etnoestética, na Suma Etnológica Brasileira, destacam-se os artigos da própria Berta Ribeiro e de Maria Heloísa Fénelon Costa.

Além desses trabalhos produzidos nas décadas de setenta e oitenta, apresentadas por Júlio César Melatti, assinala-se como contribuição para essa temática as dissertações e teses realizadas na Universidade de São Paulo (USP), no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, sob a orientação da professora Doutora Lux Vidal, conforme podemos observar em pesquisa recente¹⁸. Esses trabalhos foram realizados entre diferentes sociedades indígenas e seguem diferentes perspectivas teóricas.

Referente à música indígena, *Os Modelos da Experiência ou a Experiência dos Modelos: Introdução ao estudo do cerimonial Xikrin*, 2005, dissertação de mestrado de Francisco Simões Paes, realiza uma revisão bibliográfica sobre a expressão músico-ritual indígena e sobre os processos sociocosmológicos que a sustentam. Propõe-se, também, um mapeamento da atividade cerimonial dos índios Mebengokre (Kayapó), particularmente do subgrupo Xikrin. Os principais temas dessa dissertação giram em torno da noção Xikrin de pessoa, sua construção, classificação e transformação.

Também se pode citar, a tese de doutorado de Deise Lucy Oliveira Montardo, *Através do MBARAKA: Música e Xamanismo Guarani*, 2002, que enfoca a música dos rituais xamanísticos dos índios Guarani Kaiová, através da história de vida de sua principal informante – Odúlia Mendes – e sua iniciação ao xamanismo, focando sua atenção, tanto na vida como também nos mitos de criação Guarani, pois os cantos e as danças, para a pesquisadora, são o caminho através do qual ocorre a comunicação e o encontro com as

¹⁶ CAMÊU, Helza. Introdução ao estudo da música indígena brasileira. Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1977.

¹⁷ Arte Índia; Suma etnológica brasileira, Darcy Ribeiro, (ed.). Rio de Janeiro, Vozes/Finep, 1986, vol.3.

¹⁸ LOCCHI, Marina M. *A construção de linhagens antropológicas no Brasil e a contribuição de Lux Boetitz Vidal*. Monografia de Bacharelado apresentada e defendida junto ao Departamento de Sociologia e Antropologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC-Marília), dezembro de 2006.

divindades e com os criadores ancestrais viabilizando-se a continuidade da sobrevivência na Terra. Realiza a pesquisa através da análise do material musical, das letras das canções e das coreografias dos rituais.

Rafael José de Menezes Bastos, pesquisa sobre etnomusicologia indígena desde a década de setenta¹⁹. Doutorou-se em 1990 com a tese *A Festa da Jaguatirica: Uma Partitura Crítico-Interpretativa*, que faz uma análise do ritual índios Kamayurá, povo do Alto Xingu através da combinação entre teorias antropológicas e musicais.

Partindo de uma abordagem etnoarqueológica, encontram-se duas teses, uma sobre o resgate dos grafismos Kaingang e a outra sobre as tecnologias indígenas empregadas na cerâmica e na cestaria.

A tese de Sergio Baptista da Silva, *Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais*, 2001, faz uma etnoarqueologia dos grafismos Kaingang, articulando os registros arqueológico, etnográfico, etno-histórico e lingüístico a partir de uma abordagem cognitiva que privilegia e interpreta a produção de significados pelas populações Proto-Jê meridionais, principalmente suas representações sobre a vida em sociedade, sobre domínios da natureza, da sobrenatureza, e sobre a morte tendo como base estudos etnológicos a respeito da sociedade em foco.

Na segunda, Fabíola Andréa Silva, faz uma reflexão sobre os diferentes significados das tecnologias através do estudo da cerâmica dos Asurini e da cestaria dos Kayapó-Xikrin. Evidencia também a possibilidade que uma abordagem etnoarqueológica pode oferecer para a reflexão sobre os registros arqueológicos, também, para os estudos da cultura material de diferentes populações, em sua tese de doutorado *As Tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*, 2000.

Quanto às pesquisas que se referem ao trançado, que pode ser entendido como todo trabalho de fibras vegetais executado com as mãos, encontram-se as dissertações de Maria do Socorro Reis e de Lucia Hussak van Velthem.

A dissertação de mestrado de Maria do Socorro Reis Lima, *A máscara e a esteira: a sociabilidade timbira expressa nos artefatos*, 2003, analisa a categoria artesanal do trançado, considerando o contexto sócio-cultural e a vinculação com a esfera religiosa mítico-ritual. Parte da documentação dos trançados Timbira, Ramkokamekrá e Krahó, utiliza técnicas de documentação museológica concomitante com as bases teórico-metodológicas da

¹⁹ MENEZES BASTOS, Rafael José de. A musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no alto Xingu. Brasília, mestrado UNB, 1976.

antropologia social, com uma análise descritivo-comparativo, que tem por base a manufatura, a matéria-prima, a forma, os padrões decorativos e as técnicas do trançado.

A pele de Tulupere: estudo dos trançados Wayana-Apalai, de Lucia Hussak van Velthem, 1984, descreve a categoria artesanal conhecida como cestaria, através do entendimento dos Wayana-Apalai, que, para caracterizá-la, enfatizam três aspectos: a matéria-prima de confecção, as técnicas manufatureiras e os motivos decorativos. É sobre este último aspecto que repousa esta etnografia, ou seja, os artefatos e os motivos decorativos e sua articulação com o mito de origem, o "mito de Tulupere".

A análise do uso de máscaras, enquanto objetos de uso ritualístico, foi o tema de duas teses de doutorado, a primeira referente aos rituais dos índios Wauja, do alto Xingu e a segunda dos índios Wayana, habitantes do norte do Pará.

Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu, 2004, de Aristóteles Barcelos Neto, recebeu o prêmio de melhor tese da ANPOCS, no mesmo ano de sua defesa. É uma etnografia sobre as relações sociais entre os índios Wauja e os apapaatai – seres prototípicos da alteridade – via adoecimentos e rituais de máscaras e aerofones. Utiliza a teoria da agência, em sua versão artística²⁰, como suporte teórico.

A tese de Lucia Hussak Van Velthem, *O belo e a fera: A estética da produção e da predação entre os Wayana*, 1995, analisa a produção material e conceitual da arte e da estética dos índios Wayana. Nessa tese, a análise não se restringe apenas ao uso de máscaras, tratando também, da criação de modelos de objetos primevos e da estética corporal dos humanos e dos seres sobrenaturais.

Encontra-se, também, nesse campo temático a dissertação de Regina Aparecida Polo Müller, *A pintura do corpo e os ornamentos Xavante: Arte visual e comunicação social*, 1976, que analisa a ornamentação corporal Xavante, quando utilizada em contextos cerimoniais, relacionando-a com a divisão da sociedade em grupos sociais, status e passagem de status. Também, a tese de doutorado, da mesma autora, *De como cinquenta e duas pessoas reproduzem uma sociedade indígena, os Asurini do Xingu*, de 1987, que procura descrever o povo Asurini do Xingu contribuindo, assim, para os estudos comparativos da etnologia sul-americana. Os temas principais desse trabalho são o xamanismo e a cosmologia, abordados a partir da descrição dos rituais e da arte gráfica aplicada na decoração do corpo e de objetos da cultura material. A autora parte de dois aspectos teórico-metodológico: a análise de gênero e a análise do desempenho ritual.

²⁰ GEEL, Alfred. *Art and Agency: an anthropological theory*. Oxford, 1998.

Relevância do estudo da temática para a construção de uma história da etnologia brasileira.

A partir desse breve levantamento bibliográfico, a etnoestética aparece como um tema recorrente nas pesquisas etnológicas brasileiras, tornando-se uma ferramenta para a compreensão das sociedades indígenas sul-americanas, no pós-setenta. Nas pesquisas sobre etnoestética produzidas no Brasil, nota-se que as questões mais estudadas, dizem respeito às artes gráficas e a ornamentação corporal (Vidal e Lopes da Silva, 1992), devido à primazia dada às manifestações visuais e à influência dos estudos sobre a cultura material, que decorre de um fator de origem teórica e epistemológica, que é o ponto de referência desses estudos: a questão da corporalidade.

As expressões artísticas, nas sociedades indígenas, são significativas, pois favorecem a compreensão de como elas se pensam e, conseqüentemente, de como se representam (Vidal, 2000).

Dessa forma, Lux Vidal (2000, em entrevista) afirma, que o estudo sobre a etnoestética foi essencial, especialmente nos trabalhos entre os grupos indígenas do tronco lingüístico Jê, contribuindo, assim, para a construção do fazer etnológico no Brasil. O estudo da temática, então, mostra-se relevante para a construção de uma história da etnologia brasileira.

Raymond Williams (apud Pontes, 1997), afirma que a história da cultura moderna é impensável sem a análise comparativa dos grupos de intelectuais, artistas e escritores, que contribuíram para a sua formulação e atualização. Assim, esse campo de estudos apresenta diversas definições, de acordo com os enfoques teóricos e metodológicos próprios das disciplinas que se propõem a estudá-lo. "História intelectual e cultural", "história das idéias", "sociologia da cultura é da vida intelectual", "história das mentalidades"; "etnografia do pensamento e da ciência", são algumas das denominações utilizadas por seus atualizadores.

A análise da produção de idéias pode ser feita de diversas formas, dependendo do ponto de vista teórico-metodológico, escolhido pelo pesquisador, o que torna a construção da história intelectual tão significativa quanto à da história social e econômica.

Segundo Heloísa Pontes (1997), o objeto da história intelectual não está determinado *a priori*, descrevendo, então, duas posturas que são comumente encontradas nesse campo de análise: a internalista e a externalista.

A postura internalista baseia-se nas contribuições da lingüística estrutural, pela semiologia e pelos debates da história da arte. Visa principalmente uma análise interna das obras e dos produtos culturais, os quais têm sua inteligibilidade assegurada no sistema interno de sua produção. Nesse sentido, as obras, os textos e os sistemas intelectuais estabeleceriam um "diálogo" entre si, recuperando um diálogo possível a partir de uma análise que busca

reconstruir a lógica da composição interna das obras, tornando-se tanto o um desafio, quanto uma contribuição dessa postura.

Para a postura "externalista", ao contrário, a produção cultural e intelectual explica-se não apenas por razões presentes no próprio texto, mas, sobretudo no contexto socioculturais. Seu foco analítico é deliberadamente posto nas condições sociais de produção das obras e não na forma e nos seus conteúdos substantivos. Essa perspectiva pretende analisar tanto o perfil sociológico dos produtores de bens culturais, intelectuais e simbólicos, de suas representações, ideologias e práticas sociais, quanto do campo particular em que estão inseridos. Clifford Geertz, Carl Schorske, Norbert Elias, Wolf Lepenies, Fritz Ringer, Raymond Williams e Pierre Bourdieu são alguns dos nomes mais expressivos dessa vertente, segundo Pontes (2007).

Ao adotar o ponto de vista teórico-metodológico proposto por Geertz entendo a linha de pensamento em foco como *pensamento-produto*, que segundo o autor, envolve quase tudo que chamaríamos de cultura, ou seja, a atividade ou produção intelectual de uma época ou grupo social específico (Geertz, 2000).

Para analisar o *pensamento-produto* Geertz (2000) defende a etnografia do pensamento como um modo de se apreender o que sentem ou fazem os envolvidos em atividades acadêmicas, e afirma que, se não tivermos consciência dessa problemática, não poderemos responder sobre o papel que a disciplina em foco desempenha na sociedade contemporânea.

Assim a etnografia do pensamento seria, segundo Geertz (2000), um empreendimento histórico, sociológico, comparativo e interpretativo, que tem como objetivo tornar assuntos obscuros mais inteligíveis, dando-lhes um contexto informativo. Desse modo, a compreensão etnográfica do pensamento antropológico é construída através da descrição da especificidade do mundo do qual se está intelectual e culturalmente inserido.

Decorrente de seu método interpretativo, Geertz (2000) enfatiza que o estudo do pensamento envolve um tráfico das formas simbólicas disponíveis em qualquer comunidade, sendo a sua análise parte essencial da interpretação. Assim, deve-se considerar a cognição, a emoção, a motivação, a percepção, a imaginação e a memória entre outros significados culturais como sendo “coisas sociais”.

A etnografia do pensamento, como qualquer outro tipo de etnografia – da fé, do matrimônio, do governo, do cambio – é uma tentativa não de exaltar a diversidade, mas sim de tratá-la com seriedade, considerando-a um objeto de descrição analítica e de reflexão interpretativa. (Geertz, 2000, p.231).

Considerações Finais.

As mudanças paradigmáticas ocorridas a partir da década de 1960 na etnologia brasileira possibilitaram que a análise das manifestações artísticas se tornasse um meio privilegiado na compreensão simbólica, contribuindo, assim, para a compreensão da vida em sociedade. Isso se tornou possível, pois a partir desse momento essas manifestações passaram a ser consideradas como material capaz de expressar a concepção tribal de pessoa humana, a categorização social e material dos povos indígenas e outras mensagens referentes à ordem cósmica.

Assim, passou a ser privilegiada uma análise que considera a obra de arte como parte da história e das experiências de uma sociedade, da sua especificidade, autonomia e valor estético. Decorrente da presença das artes nas sociedades indígenas em todas as esferas da vida social e cultural, portanto são manifestações públicas, que envolvem todo um sistema de signos compartilhados pelo grupo e que possibilita a comunicação.

Desse modo, a construção de uma etnografia do pensamento etnológico brasileiro, referente à temática da etnoestética mostra-se relevante para a discussão sobre o desenvolvimento da disciplina antropológica em nosso país. Segundo Peirano (2004), a análise da história teórica não resulta apenas de uma sequência de obras e autores, mas principalmente, examina os problemas e as questões que formam um repertório aberto, continuamente renovado com novas perguntas ou formulações, produz um movimento espiralado e não linear, de construção do pensamento social.

A reconstrução da história da antropologia brasileira, feita a partir de uma bricolagem de autores que escreveram sobre uma temática, descreve a transformação dos conceitos e também, a construção e reconstrução de novos conceitos.

Referências Bibliográficas.

BARCELOS NETO, Aristóteles. **Arte, estética e Cosmologia entre os Índios Waurá da Amazônia Meridional**. Dissertação de mestrado em antropologia, UFSC, 1999.

_____. **Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu**, doutorado USP, 2004.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

LIMA, Maria do Socorro Reis Lima. **A máscara e a esteira: a sociabilidade timbira expressa nos artefatos**, mestrado USP, 2003.

LOCCHI, Marina M. **A construção de linhagens antropológicas no Brasil e a contribuição de Lux Boetitz Vidal**. Monografia de Bacharelado apresentada e defendida junto ao

Departamento de Sociologia e Antropologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC-Marília), dezembro de 2006.

MELATTI, Julio Cezar. **A Etnologia das Populações Indígenas do Brasil, nas duas últimas décadas**. Anuário Antropológico nº80. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

_____. **A Antropologia no Brasil: um Roteiro**. BIB, Rio de Janeiro, n.17, 1º semestre 1984.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. **A Festa da Jaguatirica: Uma Partitura Crítico-Interpretativa**, doutorado USP, 1990

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira Montardo. **Através do MBARAKA: Música e Xamanismo Guarani**, doutorado USP, 2002.

MÜLLER, Regina. **A pintura do corpo e a ornamentação Xavante: arte visual e comunicação social**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Campinas, Unicamp, 1976.

_____. **De como cinquenta e duas pessoas reproduzem uma sociedade indígena, os Asurini do Xingu**, doutorado USP, 1987.

PAES, Francisco Simões. **Os Modelos da Experiência ou a Experiência dos Modelos: Introdução ao estudo do cerimonial Xikrin**, mestrado USP, 2005.

PEIRANO, Mariza. **Os antropólogos e suas linhagens**. In CORRÊA, Mariza e LARAIA, Roque (Orgs.) Roberto Cardoso de Oliveira Homenagem (31-47) Campinas: UNICAMP/IFCH, 1992.

_____. **A Teoria Viva: Reflexões sobre a orientação em antropologia**, Brasília, 2004, disponível em www.unb.br/ics/dan/serie349empdf.pdf acessado em 11/07/2006.

RATTS, Alecsandro J.P.; FREHSE, Fraya; COLLAÇO, Janine H.L.; ARAÚJO, Melvina A.M. de. **Entrevista com Lux Vidal** In Cadernos de Campo nº 9, ano 10. São Paulo, 2000.

SILVA, Aracy Lopes da. e FARIAS, Agenor T.P. **Pintura Corporal e Sociedade: os “partidos” Xerente**. In. VIDAL, Lux. (Org.) Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética. Studio Nobel, Fapesp, Edusp, 1992.

SILVA, Fabíola Andréa. **As Tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica**, doutorado USP, 2000.

SILVA, Sergio Baptista da. **Etnoarqueologia dos Grafismos Kaingang: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê meridionais**, doutorado USP, 2001.

VELTHEM, Lucia Hussak van. **A pele de Tulupere: estudo dos trançados Wayana-Apalai**, mestrado USP, 1984.

_____. **O belo e a fera: A estética da produção e da predação entre os Wayana**, doutorado USP, 1995.

VIDAL, Lux. (Org.) **Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética**. Studio Nobel, Fapesp, Edusp, 1992

_____. **As Artes Indígenas e seus Múltiplos Mundos**. In. LEITE, Sebastião Uchoa (Org.) Olhar o Brasil, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.29/ 2001.